

Prof. Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
UNL/FCT/DEE (Secção de Engenharia Sistemática)

Qualidade Literária das Traduções Científicas e Técnicas*

A literatura técnica publicada em Portugal na língua portuguesa suscita diversas perspectivas de análise. Entre os aspectos detectáveis, evidencia-se a raridade das edições (por razões económicas, centradas na exiguidade dos mercados especializados e no flagelo das fotocópias), a carência de textos originais (também por motivos económicos, desmotivando eventuais autores à escrita de livros), a actualidade das abordagens (geralmente ultrapassada, porque os editores preferem os nomes consagrados, que já fizeram carreira profissional, inclusivamente autores estrangeiros) e qualidade das traduções (tanto na semântica como na morfologia).

Tão variada discorrência levar-me-ia muito longe, para além do que seria de esperar como depoimento do primeiro contemplado com o "Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa União Latina/Fundação para a Ciência e Tecnologia", em 1993, ao tempo a distinção União Latina/JNICT (Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica). Mas o aspecto da qualidade das traduções enquadra-se objectivamente na experiência vivida como tradutor de ciência e tecnologia, inserindo-se com pertinência no tema genérico "A tradução científica e técnica em língua portuguesa".

O meu testemunho anda à volta da tradução efectuada, que resultou do convite da McGraw-Hill Portugal para lançar no mercado a obra de *Microelectrónica*, dos autores americanos Jacob Millman e Arvin Grabel, obra editada em várias línguas por todo o mundo. O seu elevado prestígio, como documento pedagógico, principalmente a nível superior, justificava a publicação em língua portuguesa, embora já existisse uma versão brasileira (obviamente, com termos diferentes dos usados entre os profissionais de electrónica em Portugal).

Ao fazer o trabalho de tradução, a partir da língua inglesa, senti a necessidade de proceder a três acções complementares, que esclarecem convenientemente o Leitor. Primeiro, procedi à inserção de uma *Nota do Tradutor*, onde expliquei as opções adoptadas e aponte as motivações inerentes à tradução (dizendo claramente que "Na verdade entende-se que esta obra é fundamental à formação dos técnicos de microelectrónica que lêem português, a todos

os níveis profissionais"). Depois, incluí um apêndice com a *Terminologia* usada, numa correspondência biunívoca português-inglês, em que se sistematizaram os termos portugueses de aceitação comum e aqueles que a prática ainda não conseguira consolidar. Por fim, após a concordância dos autores, foi apresentado um anexo sobre *Circuitos Integrados de Aplicação Específica*, com vista a colmatar um evidente obsoletismo do conteúdo da obra na evolução tecnológica.

O problema da qualidade literária das traduções envolve três vertentes essenciais. Uma é gramatical, sobretudo no que se refere à sintaxe, mas também quanto ao estilo; outra diz respeito à correcta simbologia, exprimindo pela matemática os significados físicos dos fenómenos; e uma terceira, sem dúvida muito importante, tem a ver com a terminologia usada.

Quanto à primeira questão, poderia tecer argumentos em torno de determinados modos de expressão, como seja, a preferência pela forma impessoal de expor (escrevendo "obtem-se" em vez de "obtemos" na descrição de um raciocínio dedutivo). Todavia, deixo essas apreciações de fora da discussão que me proponho fazer acerca da qualidade das traduções científicas e técnicas.

De facto, tem mais interesse evidenciar a importância da simbologia. Na impressão de textos científicos e tecnológicos devem ser utilizadas as convenções internacionais acerca dos símbolos escritos. Por exemplo, as variáveis matemáticas, representativas de grandezas físicas, grafam-se obrigatoriamente com letras inclinadas (em itálico); as indicações associadas a essas variáveis, quer índices quer expoentes, devem ser letras ou algarismos redondos (ou normais), se não representarem variáveis; as matrizes e os vectores simbolizam-se por letras intensificadas (em negrita). Estas convenções gerais concedem a melhor qualidade gráfica aos textos científicos e tecnológicos, facilitando a assimilação dos conteúdos. Infelizmente, é bastante frequente a publicação de escritos menos cuidados sob este aspecto da simbologia.

A terminologia correcta, por sua vez, constitui outro factor básico de compreensão do discurso. Trata-se de uma preocupação permanente do Tradutor de obras literárias em ciência e tecnologia ou de qualquer documento técnico. De um modo geral, surgem dois tipos de termos: uns já estão consolidados pelo uso; e outros ainda não tiveram aceitação generalizada, formando os chamados neo-

* Adaptado da intervenção no Seminário de "Tradução científica e Técnica em Língua Portuguesa", de 25 a 27 de Novembro de 1988, no Edifício Jean Monet, em Lisboa, sob organização da União Latina.

logismos. Em ambos os casos, há que tomar as devidas cautelas (conforme se discute a seguir).

Hoje em dia, os conhecimentos científicos e técnicos sofrem uma mudança muito rápida, à medida da evolução tecnológica. Então, verifica-se que alguns termos técnicos experimentam uma certa mutação, começando a ser "desaconselhados" os termos vulgares, até que se acaba por preferir definitivamente os novos termos. Um exemplo actual verifica-se com a substituição da clássica palavra "rendimento" por "eficiência", devido à grande influência das leituras em inglês, onde se encontra a palavra "*efficiency*", e que as últimas gerações adoptaram irreversivelmente. O Tradutor não pode deixar de conhecer estas tendências, aliás já fixadas nas modernas regulamentações.

Convém notar que a formulação dos termos técnicos ocorre em qualquer língua de acordo com o espírito do tempo. A actual influência da língua inglesa é inegável e imparável. Disso se apercebem os franceses e alemães, que já influenciaram muito a tecnologia técnica portuguesa noutros tempos. Mas, a nível internacional, também os termos ingleses podem cair no absoletismo. Presentemente, vive-se um facto surpreendente: a língua inglesa sempre grafou "*voltage*" para dizer "tensão", no domínio electrotécnico; todavia, há um princípio terminológico que proíbe a formação de termos derivados das unidades que medem as grandezas físicas; ora, acontece que a tensão eléctrica exprime-se pela unidade "volt", o que torna desaconselhado o termo inglês atrás indicado. Afinal, a interdição tradicional da palavra "voltagem" em português (mesmo assim, ouvida aqui e ali) colhe agora toda a força com o desaconselhamento internacional do termo "*voltage*", preferindo-se o uso de "*tension*" (ainda sem aceitação visível).

Sabe-se que a linguagem corrente entre os profissionais não é a mesma nas sucessivas gerações. Esta mudança não se deve somente à modificação de alguns termos vulgares. A principal mutação resulta das próprias alterações tecnológicas. Surgem, então, novos termos. E o Tradutor encontra-se, muitas vezes, na situação de exprimir linguisticamente as inovações. O que não é fácil. De uma maneira genérica, deparam-se dois casos: ou já existem recomendações, que se seguem; ou aproveita-se a oportunidade para apresentar propostas à comunidade científica e tecnológica.

Na última hipótese observam-se dois princípios de formação de neologismos: adaptação formal pelas raízes da língua portuguesa e emergência literal de novas palavras. Normalmente usa-se o princípio da adaptação de termos existentes, em concordância com o respectivo significado concreto, como acontece na tradução de "*package*", em electrónica, por "pacote". Mas surgem termos em que o uso vulgar da expressão inglesa cria uma barreira intransponível (que nem sequer interessa transpor), como se verifica na opção de "chipe" para traduzir o termo original "*chip*".

No meu entender, os novos termos relacionados com as ciências e tecnologias devem ser propostos por quem

investiga o conhecimento científico e tecnológico, dentro das estruturas universitárias. É aí que começam a desenhar-se as primeiras necessidades da terminologia; e será aí que se iniciam os processos de difusão, através dos futuros licenciados, que irão expandir as novas designações no seio das profissões.

Por isso, tenho defendido (confesso, sem êxito aparente entre os pares dos conselhos científicos) que as dissertações universitárias, sobretudo relativas a doutoramentos, sejam escritas em português (e só muito excepcionalmente em inglês). Cada investigador deve propor termos adequados, em correspondência com propostas existentes noutras línguas, nomeadamente a inglesa (mas não só). As sugestões de neologismos técnicos passam pelo crivo das sucessivas gerações e, assim, adquirem a necessária validade, ao longo do tempo. Simultaneamente, revitaliza-se a língua portuguesa e, mais além, perdura a própria identidade cultural.

Neste esforço de defesa do património linguístico em Portugal, embora à margem do presente discurso como Tradutor, registo com satisfação o cuidado de alguns doutorandos usarem a expressividade da língua portuguesa nalguns termos emergentes da literatura em língua inglesa. E posso afirmar que há jovens investigadores e docentes que me consultam para tentarem exprimir as suas teses integralmente na língua de Pessoa.

Estas propostas são uma fonte permanente de inspiração para quem tem a responsabilidade de normalizar termos técnicos. Estou a pensar na Comissão Técnica Electrotécnica CTE I, no âmbito da Comissão Electrotécnica Internacional (CEI), que exerce as funções executivas de proponente das Normas Portuguesas (NP) para o Vocabulário Electrotécnico Internacional (VEI). Esta valiosa base de dados já fixou mais de vinte mil termos portugueses da terminologia electrotécnica, em correspondência com doze línguas, a começar pela francesa e inglesa, além da russa, espanhola, alemã, italiana, holandesa, polaca, sueca, árabe ou japonesa.

Neste trabalho normativo, bastante significativo para resolver muitas das dificuldades de tradução ligadas aos termos técnicos, procuram-se as propostas consensuais e aquelas que se integram no quadro geral das formulações estabelecidas. Dentro destes pensamentos, surgem termos incontroversos, alguns renovadores, outros inovadores, ainda os desaconselhados e os obsoletos (úteis para efeitos de tradução dos documentos mais antigos).

Também se registam certas duplicações terminológicas, em consequência de regionalismos históricos, entre o Sul e o Norte de Portugal. Realmente, as formulações da escola de Lisboa nem sempre coincidem com as da escola do Porto. Por exemplo, nas máquinas eléctricas rotativas (como um motor eléctrico) o termo lisboeta "cava" corresponde ao termo portuense "ranhura" ("*slot*", em inglês); e, enquanto os profissionais do Sul dizem "arrefecimento" de uma máquina, os do Norte falam em "refrigeração" (de "*refrigeration*"). Esta falta de uniformidade terminológica complica, desnecessariamente, as respectivas traduções de

